



TÍTULO DO TRABALHO

PERMANÊNCIA RIBEIRINHAS NO ASSENTAMENTO MIRINDIBA EM ARAGUAÍNA

Nome do Aluno¹; Nome do Orientador²;

¹Aluno do Curso ; Campus ; e-mail:

“PIBIC/CNPq, PIBITI/CNPq ou PIBIC/CNPq/AF ou PIBIC/UFT ou PIVIC/UFT”

²Orientador ; Campus ; e-mail:

RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida em um assentamento oriundo das indenizações de ribeirinhos do rio Tocantins, pelo CESTE. Trata-se de um assentamento, cujos moradores foram

realocados após o seu antigo local de moradia, a Ilha de São José, no qual habitavam, ser submersa pelas águas da UHE Estreito. Ao serem assentados, os sujeitos se viram com uma realidade totalmente adversa ao que viviam, tendo que se readaptar a um lugar totalmente diferente, tanto no que se diz respeito ao solo, quanto a todas as atividades realizadas no local, além de não poderem contar com o seu principal aliado de vivência, o rio, responsável pela qualidade de quase todas as atividades que eram realizadas na ilha de São José. A pesquisa voltou-se para entender de que forma os sujeitos realocados re-significam as suas paisagens como forma de manterem vivas as suas identidades ribeirinhas e, de que forma os elementos presentes na paisagem do assentamento, trabalhados por autores como signos e geossímbolos conseguem fazer com que os ribeirinhos tenham no seu olhar e nos seus sentimentos meios de manter viva a sua identidade com o seu antigo local de vivência.

Palavras-chave: Território; re-significações; ribeirinhos; paisagens

INTRODUÇÃO

No primeiro ano da pesquisa buscamos entender as permanências ribeirinhas no assentamento. Nesta proposta focamos na re-significações ribeirinhas na paisagem e no território, a partir do processo de re-territorialização. É a vida das margens do rio Tocantins que já não existe, mas os indivíduos criaram territorialidades e geossímbolos que permaneceram e buscam repeti-los no assentamento Mirindiba, o que chamaremos de ribeirinhos assentados, buscando entender principalmente como os indivíduos lidam com a perda de tantos elementos de identidade, a mudança radical na paisagem ao qual estavam acostumados e a forma como buscam se adequar a essas mudanças.

Estudamos na pesquisa os ribeirinhos da antiga ilha de São José, que ficava a cerca de 30 km do Município de Babaçulândia. Esta população foi desterritorializada em decorrência da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE Estreito, que ocorreu em 2010 e, conseqüentemente, re-territorializados em um novo local, o qual recebeu o nome de assentamento Mirindiba, localizado a 40km da cidade de Araguaína e a aproximadamente 100 km do rio Tocantins. A partir do primeiro ano de trabalho, das informações coletadas através de entrevistas com os moradores da comunidade, buscou-se entender de que forma os ribeirinhos tentam manter viva essa identidade, mesmo com tantas alternâncias em relação ao antigo local de vivência, como veem esse novo

lugar, de que forma buscam uma nova re-significação na sua paisagem, no seu olhar e tentam manter viva a identidade construída ao longo da sua vida na ilha de São José.

Tivemos como objetivo identificar de que forma os sujeitos conseguiram de alguma forma manter viva a sua identidade ribeirinhas, mesmo em um lugar onde não tenham seu principal elemento de vivência e de gratidão, o rio, buscamos entender esse processo a partir da observação referente a um novo olhar da paisagem, onde os sujeitos tentam de alguma forma encontrar ou construir referências que os liguem ao seu antigo lar, onde em um ato de pescar ou mesmo de plantar em um solo que já não lhes dá a mesma qualidade do antigo local significa manter de alguma forma viva sua identidade e seus laços com o antigo território.

MATERIAL E MÉTODOS

Buscamos construir a pesquisa a partir de uma re-leitura já construída na primeira etapa da pesquisa devido ao isolamento social. Então, a proposta desta etapa da pesquisa foi fazer uma leitura sobre as imagens e falas dos indivíduos, construindo uma interpretação sobre signos e significados dos lugares e coisas no território dos assentados.

A pesquisa foi realizada pelos métodos descritivo exploratório que foi utilizado para organizar e também analisar as informações e, por sequência os resultados obtidos ao longo da pesquisa, ou seja, pode-se dizer que esse modelo de pesquisa visa aproximar o pesquisador da área de pesquisa e conseqüentemente, dos membros presentes na mesma, para que a partir de então se tenha mais clareza no desenvolvimento de teorias e problemáticas para se chegar a resultados esperados.

Sobre o método exploratório:

O estudo exploratório pode ajudar a resolver algumas dificuldades em pesquisa. Uma delas é a que se refere ao desenvolvimento de programas, na concepção de que a população constitui um recipiente vazio ('empty vessel') e que a tarefa educativa se resumiria em preenchê-lo. Nada mais que um engano, pois a população é rica de conhecimentos e esses conhecimentos, opiniões, valores e atitudes é que vão se constituir, muitas vezes, em barreira. (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 320).

Este processo de aproximação vai possibilitar então que os sujeitos estudados possam demonstrar que existe um grande aporte de saberes construídos ao longo de sua vivência na comunidade, em que a partir da exposição de experiências seja possível expor esses conhecimentos que são de grande importância dentro dos estudos acerca de todos esses processos, tanto de resistência, quanto da re-significações. Esta enquanto um par dialético, lido pela contradição.

As ideias foram construídas a partir de um conjunto de ações como junção de informações a partir de entrevistas com os ribeirinhos do assentamento Mirindiba construídas na primeira fase da pesquisa. Entrevistas essas focadas em suas experiências de vivência do antigo local até o atual, a partir de uma leitura destas entrevistas construímos este trabalho contando com o apoio teórico de autores que trabalham com a temática de entender como se dão esses contextos e de que forma os sujeitos lidam com essas situações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender as formas como os ribeirinhos re-significam a nova paisagem que possuem foi necessário compreender o que são e como são representados todos esses elementos, diversos autores explicam essas nuances através do que denominam de signos, Segundo Gambarato (2005), todo signo é representação de alguma coisa e sem esta condição de representação não existiria. Leva a crê que as coisas se tornam conhecidas por meio de signos, os quais podem ser naturais, ou seja, dados pela natureza, ou artificiais, os quais são construídos para dar sentido às coisas, em que o signo não irá apresentar um sentido único, ele irá representar a coisa presente, portanto, seu sentido na representação.

Sabe-se que é necessário para se ter um território estabelecer uma identidade e uma cultura. A partir do momento em que esse território é retirado dos sujeitos e em que os mesmos são obrigados a ir para um novo território, essa identidade é de certa forma rompida em partes, por não possuírem mais fisicamente o lugar em que construíram sua identidade ribeirinha, não podendo mais contar com o seu principal representante, o rio, que por muito tempo foi o seu principal aliado de vivência. Sobre essa questão Brito e Silva colocam:

O mundo do rio cheio de mistérios, encantos e nostalgia se acabou. Distante 80 km do rio Tocantins, que agora é um lago, os ribeirinhos tiveram que se adaptar em um assentamento na chapada drenada por pequenos córregos. O mundo das águas foi trocado por terras secas na serra do Estrondo, forçando adaptações até então não conhecidas pelos ribeirinhos (BRITO; SILVA, 2021, p. 47).

Percebe-se que os ribeirinhos diante de uma realidade totalmente adversa, teve que encontrar novos signos de representatividade, que lhes forneçam de alguma forma viva a identidade ribeirinha e os laços que foram construídos com o rio e com a ilha de São José, elementos esse que são naturais ou construídos ao longo do tempo pelos ribeirinhos.

Esses elementos que servem como elos de manutenção da identidade ribeirinha e que estão presentes na paisagem são elementos que trazem uma relação tanto de pertencimento, como também de gratidão por tudo que o antigo lugar proporcionou aos ribeirinhos. Bonnemaïson define esses elementos como Geossímbolos:

Geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. O espaço, impregnado de signos e polos, é portador de sentido; a mensagem que aí se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, das crenças dos homens de sua busca de significados. Seria interessante colocar o mesmo olhar e as mesmas interrogações sobre o espaço de nossas próprias sociedades (BONNEMAISON, 2012, p. 292).

Esses elementos representam uma ligação dos sujeitos com a sua identidade ribeirinha, em que eles se inserem nesse novo local de vivência, para que possam encontrar, mesmo que de forma reduzida, elementos na paisagem que possam lhes proporcionar um laço de ligação com a ilha de São José. Esses elementos vão ganhar ainda mais força no assentamento, já que a partir de então irão representar um todo que só existe nas memórias dos ribeirinhos.

No assentamento Mirindiba, práticas que antes eram rotineiras, hoje são impossíveis. Os ribeirinhos buscam objetos que forneçam um sentimento de permanência dentro do assentamento, que levam os ribeirinhos se veem obrigados a passar por todo um processo de adaptação, como por exemplo construir um tanque artificial de criação de peixes, ou de esperar o período em que o córrego que passa pelo assentamento fique cheio para poder realizar ações semelhantes ao que acontecia diariamente no rio, como tomar banho, pescar ou lavar roupa, para que assim possam ver e sentir mesmo que tão distantes a sensação que era ter o rio tão perto. Para Brito e Silva:

Entre histórias e territórios, esses sujeitos construíram as suas identidades ribeirinhas e buscaram uma permanência, ainda que fragilizada. O apego aos objetos e ao modo de vida é uma forma de preservar e lembrar o passado na ilha e resistir a uma imposição de mudança no espaço e tempo no assentamento. (BRITO; SILVA, 2021, p. 52).

Todos esses elementos permitem ver e fazer atividades que eles realizavam na ilha de São José, mesmo que em outras condições e lhes fazem perceber que é possível manter essa identidade e re-significar a paisagem do novo lugar de vivência como meio de manter o elo com o lugar de onde tiveram que sair contra sua própria vontade.

Esses elementos podem ser representados por exemplo por uma tábua de lavar roupa, presente às margens do córrego que banha o assentamento, que traz a lembrança de uma atividade realizada pelas mulheres na antiga ilha de São José, a lavagem de roupas no rio. Essa tábua é um signo presente na paisagem que representa o que já foi viver na ilha de São José, mas que acima de tudo mostra que a vontade de manter a identidade ribeirinha viva nunca foi tão forte, onde possam ver que mesmo estando longe do seu lugar de identidade eles constroem na paisagem meios de manter essa relação viva, esse modo de vida que sempre foi o seu forte, essa ligação com o rio, que não é mais presencial, mas que ainda é sentimental.

Figura 1 – Tábua de Jatobá utilizada para lavar roupas nas margens



(BRITO; SILVA, set. 2019, jan. 2020).

Outras atividades que eram realizadas através dos recursos do rio ainda são realizadas, além dessa atividade realizada pelas mulheres, pois o rio era responsável por quase todas as atividades de subsistência da comunidade, tanto tarefas destinadas aos homens como também atividades destinadas às mulheres, e elementos trazidos da comunidade ajudam a manter essas atividades vivas, mesmo que com muitas dificuldades.

A tradicional tarrafa, objeto utilizado na pesca, era utilizado pelos ribeirinhos como meio de conseguir o alimento proveniente do rio. Este é outro elemento responsável por manter viva essa tradição dentro do assentamento, mesmo que só possam utilizá-la em um curto período do ano em que poços d'água denominados “Gurguéia” ficam cheios e eles têm a possibilidade de pescar.

Naquela Gurguéia ali, de vez em quando tem água ai vem o peixe ali. Ai eles fizeram. Ai eles vão lá, por que nas Gurguéia fica os peixes, né, ai no inverno as vezes cria água ai os peixe sobe e eles consegue pegar o peixe, e também pra num acabar a tradição, porque pra ele foi a pior coisa do mundo foi ele ter saído de junto dos peixe, de junto das praias, ele trouxe o pedaço de rede, de tarrafa, era uma lembrança dele, né. (ENTREVISTA 02 Assentamento Mirindiba, mar. 2020).

Figura 2 – tarrafa utilizada na atividade de pesca



(BRITO; SILVA, set. 2019, jan. 2020).

O relato da entrevistada mostra como algo tão simples contém tanta representação e como elementos podem significar um modo de vida, uma manutenção de identidade. Como um objeto pode representar todo um modo de vida que hoje apesar de não ser mais responsável pela subsistência de um povo, é responsável por contar uma parte de sua história e manter elementos, como a tarrafa, para compor elementos da paisagem, que representam o que foi viver na ilha de São José.

Outras atividades que eram realizadas na ilha de São José eram a agricultura e a criação de animais, facilitadas por um solo fértil e com muito mais condições para o desenvolvimento dessas atividades. Hoje, em decorrência da pobreza do solo, já não são tão fáceis de serem realizadas, mas, mesmo assim, continuam sendo realizadas como forma de se manter viva a tradição da cultura da Ilha de São José.

Figura 3 - plantação de milho no assentamento Mirindiba



(BRITO; SILVA, set. 2019, jan. 2020).

Figura 4- criação de porcos no assentamento Mirindiba



(BRITO; SILVA, set. 2019, jan. 2020).

Todos esses elementos são responsáveis pelo processo de re-significação dessa paisagem existente nesse novo local de vivência, em que os sujeitos tentam de alguma forma imitar o antigo modo em que viviam na ilha de São José, buscando encontrar todos os dias na sua nova paisagem elementos que mantenham vivas essa relação e essa tradição ribeirinha.

CONCLUSÃO

Portanto, pode-se concluir que todos os elementos que os ribeirinhos possuem sejam eles naturais ou artificiais que lhes trazem memórias do antigo local de vivência são signos e geossímbolos responsáveis pelo processo de manutenção de uma identidade que foi fragilizada por um processo de retirada do seu local de origem, mas que em nenhum momento deixou de existir por parte dos ribeirinhos.

Os ribeirinhos, mesmo distantes continuam estabelecendo um laço de vivência que nunca morrerá, com o auxílio de toda uma re-significação que lhes permite ver na paisagem o que já foi muito mais real e que hoje através de símbolos e signos possibilitam que tudo que já foi vivido nunca morra na memória de cada ribeirinho. Onde a conquista desse assentamento lhes possibilitou a não quebra total de relação com a terra e, principalmente, lhes possibilitou a construção de re-significações, na paisagem, para que a cada amanhecer possam encontrar de novo nos signos e símbolos a sensação de pertencimento e de gratidão ao antigo lugar que tanto já lhes deu e principalmente ao rio. Em relação a questão de pertencimento, Silva fala que:

Todos esses processos de re-significações, de busca de signos fazem com que os sujeitos fortaleçam ainda mais essa relação de pertencimento, mesmo estando longe do local onde foi construído essa relação de identidade. E, elementos como a tábua, a rede e a criação de aves e animais e a agricultura possibilitam aos indivíduos essa re-significação na paisagem, que estabelecem essa ligação e essa identidade ribeirinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado saúde e coragem para concluir essa pesquisa enriquecedora, ao meu professor e orientador Dr. Eliseu Pereira de Brito que me auxiliou de forma brilhante durante esse processo e a todos que estiveram ao meu lado me incentivando nessa caminhada, minha namorada, Iasmym de Kassia, a minha mãe e a mim mesmo que sempre estive empenhado em realizar o melhor trabalho possível.

LITERATURA CITADA

Bonnemaison, Joël. Viagem em torno do território. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. II, 2012. p. 279-304.

BRITO, Eliseu Pereira de Brito; SILVA, Henrique Martins da. Ressignificações da vida ribeirinha: das margens do rio Tocantins ao Assentamento Mirindiba em Araguaína - Tocantins - Brasil. **Novos Cadernos do NAEA**, [S.1], v. 24, n. 1, ago. 2021.

GAMBARATO, Renira Rampazzo. Signo, significação, representação. **Contemporânea**, Salvador (Bahia), v. 4, n. 1, p. 204-214, jan. 2005. Quadrimestral. Disponível em:http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_18_ReniraRam.pdf.

Acesso em: 12 mar. 2021.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Saúde Pública**, São Paulo, p. 318-325, 29 abr. 1995.

SILVA, Iêda Rodrigues. Modo de Vida Ribeirinho: construção da identidade amazônica. **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, São Luís-Ma, Universidade Federal do Maranhão, 2017.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.